
CAPÍTULO III

FACULDADE PARA ANTIGOS COMBATENTES E TRABALHADORES DE VANGUARDA: lições aprendidas de um projecto educativo e inovador

† Mário Jessen¹

Jaime Lourenço

Teresa Cruz e Silva

Isabel Casimiro

Foi a melhor escola da vida que tive. Lamento de fundo do coração que, com tanta gente precisando de estudar, a FACOTRAV tenha desaparecido (Cecília Abreu, Marracuene, depoimento, 20 de Julho de 2021).

1. Introdução

A Faculdade para Antigos Combatentes e Trabalhadores de Vanguarda (1983-1992), mais conhecida pela sua sigla FACOTRAV, teve a efémera existência de aproximadamente uma década, tendo, no entanto, sido marcada por uma experiência pedagógica inovadora que visava responder aos contextos sociais e políticos que atravessaram Moçambique durante o período da sua vigência.

Com este capítulo, pretendemos trazer ao conhecimento público, não só o resgatar do passado da história de uma faculdade da Universidade Eduardo Mondlane mas, sobretudo, dar a conhecer o que na época foi considerado uma nova experiência pedagógica. Embora inspirada em outras práticas educativas que ocorreram em alguns países de orientação política socialista, como são os casos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a República Democrática Alemã (RDA), ou a República de Cuba, a Faculdade para Antigos Combatentes e Trabalhadores de Vanguarda, gerada em Moçambique, resultou num modelo único, enraizado nas suas realidades nacionais. Ao ilustrarmos a forma como através do processo de ensino-aprendizagem se estabeleceu uma relação com a comunidade onde a universidade estava inserida, sem descurar os seus contextos específicos, trazemos assim, uma reflexão sobre o papel desempenhado por uma instituição de ensino superior na procura de soluções para alguns problemas do País.

¹ In memoriam

Este, como outros capítulos deste livro, trata da história de uma instituição. Um projecto de memória institucional como o que está subjacente a este livro, deve não só reunir, como também organizar e disponibilizar fontes e informações associados à história da mesma instituição. No entanto, razões de reorganização dos arquivos da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), limitaram o nosso acesso a fontes escritas primárias, sendo que o recurso às poucas fontes secundárias² e ao testemunho de alguns protagonistas da história desta Faculdade nos permitiram reconstituir algumas fases da sua história, resgatar documentos e registar episódios menos conhecidos. A reconstituição da história da FACOTRAV transformou-se, assim, num constante lembrar que por trás de cada narrativa e de cada episódio existia um sujeito que era preciso valorizar.

Porque estamos diante de um processo em que a memória é também vida, este rememorar da FACOTRAV foi marcado pelo despertar de vínculos há muito esquecidos, que trouxeram ao de cima os laços identitários que uniam os seus diversos actores, cuja contribuição ajudou a reconstruir a história de um processo. Este capítulo é, no entanto, apenas o reflexo de uma pequena parte do trajecto percorrido pelos seus protagonistas, reflectindo ao mesmo tempo os diversos olhares dos seus autores sobre os acontecimentos, vistos *a posteriori*.

A experiência vivida na FACOTRAV e a distância temporal que nos separa dos acontecimentos mostrou-nos também que, mais do que resgatar e preservar uma parte da história institucional da UEM, o modelo único vivido nesta Faculdade permite-nos, hoje, visualizar os avanços e limites que marcaram uma experiência que se enquadra num período muito específico da história de Moçambique. Foi justamente essa particularidade que permitiu que tal experiência tivesse sido engendrada e desenvolvida, mas que, também, lhe destinou um fim.

Depois da introdução, este capítulo trata dos seguintes pontos: i) um breve contexto histórico e socio-político de vigência da FACOTRAV; ii) a emergência de um novo modelo pedagógico; iii) o impacto das transformações políticas e sociais sobre a FACOTRAV; e iv) as brevíssimas conclusões que tentam fazer um balanço das licções desta experiência.

² Agradecemos a Alexandra Piepiorka, que havia feito um estudo sobre a FACOTRAV, por nos ter dado acesso aos resultados da sua pesquisa. Para mais informações, veja as referências bibliográficas.

2. Breve contexto histórico e sócio-político de vigência da FACOTRAV

Depois de uma luta armada de libertação nacional liderada pela FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique, o País tornou-se independente em 1975, tendo instituído políticas sociais e económicas que visavam responder a um novo modelo de sociedade, engendrado na experiência de luta contra o colonialismo português. Desmantelar o Estado colonial e criar um Estado de base popular, fazia parte das prioridades do novo sistema de governação (COELHO, 2019). O III Congresso da FRELIMO (1977) transformou a Frente de Libertação de Moçambique em Partido Marxista-Leninista, com impactos nas opções de políticas de governação assumidas nos anos seguintes. Neste processo, foi adoptada uma planificação centralizada e administrativa da economia como estratégia de desenvolvimento e realizado um processo de reestruturação económica (1975-1984).

Num contexto de Guerra Fria, pouco depois de se tornar independente, o País passou por um período de desestabilização militar interna (1976-1992). As políticas regionais e de solidariedade internacional adoptadas por Moçambique, e o consequente apoio à luta contra o regime rodesiano e contra o *Apartheid* sul-africano, agravaram a situação de insegurança que se vivia em Moçambique, com impactos que agravaram a crise económica que o País já enfrentava. A ineficácia e insustentabilidade do sistema de planeamento central acabaram, no entanto, por influenciar as alterações sofridas nas políticas económicas governamentais ao longo da década de 1980. Foi assim que a adesão de Moçambique às instituições de Brepton Woods levou a uma abertura económica e à despenalização dos preços do mercado (1985). Com as reformas económicas, a economia socialista foi transformada numa economia de mercado, a partir de 1987 (FRANCISCO, 2003). Viviam-se momentos difíceis, marcados por uma crise económica e de guerra e por sucessivas reformas económicas, sociais e políticas que se desenvolveram até aos inícios da década de 1990, criando uma situação de dependência externa e uma instabilidade política.

A década de 1990 leva a mudanças importantes, como é bem ilustrado por João Carlos Trindade:

O ritmo imposto pelo processo interno de reestruturação económica capitalista e a precipitação dos acontecimentos do leste da Europa, conduzindo à derrocada dos regimes socialistas, tiveram, como se esperava, uma influência decisiva nas mudanças ocorridas na superestrutura política e ideológica. A revisão constitucional [...] deu, afinal, lugar à aprovação de uma Constituição inteiramente nova (TRINDADE, 2003, p. 114-115).

A nova constituição (1990) introduz o Estado de Direito Democrático e marca, assim, o fim de um período monopartidário, criando as condições para se caminhar para um processo de luta pela paz interna, que é alcançado com o Acordo Geral de Paz assinado em Roma, entre a FRELIMO e sua opositora interna, a RENAMO, em Outubro de 1992, iniciando um novo ciclo político em Moçambique.

A primeira década da independência foi marcada por um largo investimento nas áreas sociais, particularmente na saúde e na educação para todos (FRANCISCO, 2003), visando reverter o quadro de acesso a serviços básicos que marcara a administração colonial.

No processo de nacionalizações, que marcou a primeira década da independência do País, o sistema nacional de educação foi abrangido, e a única universidade existente no País foi renomeada como Universidade Eduardo Mondlane. A escassez de quadros nacionais para o ensino terciário levou ao encerramento de alguns cursos, na altura considerados menos relevantes para o contexto de reconstrução pós-independência, ou com um número insignificante de estudantes e ao redimensionamento dos programas da Universidade. Ao mesmo tempo, a instituição investia num processo de formação dos seus quadros, para se adaptar ao contexto que se vivia. Neste processo, nasceram a FACOTRAV e a Faculdade de Marxismo-Leninismo. Poderemos, assim, afirmar que a FACOTRAV foi engendrada num período de crise do País, onde se procuravam respostas para a solução de alguns problemas, como se poderá ver nos pontos que se seguem.

3. A emergência de um novo modelo pedagógico

O aumento da produtividade e domínio da tecnologia crescente, que a nossa agricultura, indústria, transportes e construção exigem, requer um desenvolvimento significativo dos conhecimentos científicos dos trabalhadores (MACHEL, 1979).

A política de educação definida pela FRELIMO, imediatamente a seguir à independência nacional, não podia estar alheia à existência de uma população que apresentava uma taxa de analfabetismo na ordem dos 90%³, sendo o número de estudantes moçambicanos do

³ Compulsados os dados estatísticos sobre educação, Fernando Jorge Cardoso concluiu que, por alturas da independência de Moçambique, cerca de 90% da população moçambicana era analfabeta. Este quadro reflecte-se no acesso ao ensino superior, sendo que, na análise do mesmo autor, enquanto em 1974 existiam cerca de 2609 estudantes universitários, em 1975 o número reduziu para 877 (Cardoso, 1986), face à saída do País da maioria dos estudantes, filhos de portugueses que abandonaram Moçambique a partir de 1974, ano de transição para a independência. Para mais detalhes sobre a educação em Moçambique depois de 1975, veja-se Mouzinho Mário e Deborah Nandja (2006) "Literacy in Mozambique: education for all challenges". Paper commissioned for the *Education for All* (EFA). Global Monitoring Report, 2006, Literacy for Life. Paris: UNESCO.

ensino terciário ínfimo. Nesse sentido, foram adoptadas políticas públicas com vista a proporcionar um acesso à educação das crianças, jovens e adultos moçambicanos, sem discriminação e com massificação.

Para responder às políticas sociais ligadas à educação e à saúde, foi preciso criar um sistema paralelo de formação de quadros, capacitado para responder às novas demandas. As iniciativas para dar respostas às múltiplas transformações, dilataram-se aos vários sectores económicos e administrativos, através da criação de diversas alternativas e procura de soluções viáveis aos problemas diagnosticados. Nas palavras de Fernando Jorge Cardoso:

Era preciso que todos esses sectores fossem dirigidos por quadros moçambicanos, com competência do ponto de vista técnico, administrativo e capazes de evoluir para níveis operacionais superiores e, sobretudo, quadros que fossem da inteira confiança do partido no poder, para assegurar a operacionalização de todo o sistema ou de toda a nova estrutura que foi montada (CARDOSO, 1986).

A história do País referente à segunda década de 1970 e inícios de 1980, é ilustrativa dos esforços e investimentos feitos a vários níveis, quer para uma educação formal, quer ainda na profissional e na formação pelo trabalho. Com a Universidade envolvida no processo de transformações que ocorriam no País, a FACOTRAV pode ser enquadrada nesta procura de respostas aos problemas nacionais, como acima foi já referido.

3.1. Educação: um desígnio de importância decisiva

O Relatório do Comité Central ao III Congresso da Frelimo, que teve lugar de 3 a 7 de Fevereiro de 1977, enfatizava, no âmbito do ensino e formação, a necessidade de combinar a teoria com a prática e a educação política com a participação na produção, com vista a uma real transformação da sociedade moçambicana. Do mesmo modo, era apontada a necessidade de promover a elevação constante dos conhecimentos técnico-científicos das classes trabalhadoras e de assegurar o seu acesso ao ensino superior, sendo definida como prioridade central a organização de cursos especiais para trabalhadores. A educação aparece, deste forma, representada como um instrumento fundamental no caminho para o desenvolvimento.

Já nas Directivas Económicas e Sociais ao III Congresso da Frelimo, está explícita a necessidade de organizar o sistema de educação a fim de assegurar o acesso dos trabalhadores e dos seus filhos a todos os níveis de ensino.

No campo do ensino superior, era sugerida a integração dos estudantes universitários no processo produtivo, ao lado dos operários e camponeses, por forma a acelerar a sua identificação com as classes trabalhadoras. Foi ainda determinada a criação, até 1978, no seio da Universidade Eduardo Mondlane, de cursos para trabalhadores seleccionados segundo critérios políticos e de competência profissional, abertos a trabalhadores com habilitações equivalentes à 6^a classe. Para a UEM, estava ainda definida a meta de, até 1980, uma frequência de um mínimo de 250 estudantes, para esses cursos.

Foi neste contexto que a UEM, respondendo positivamente ao desafio lançado pelo partido no poder⁴, criou, em 1979, o Curso de Gestão para Trabalhadores (1979-1982), baseado na Faculdade de Economia e sob supervisão do seu director Fernando Jorge Cardoso. Eram os seguintes os seus objectivos centrais:

- a. formar trabalhadores em gestão de modo intensivo e com padrões de alta qualidade científica, para que pudessem responder às necessidades das empresas e, ao mesmo tempo, promover o seu ingresso, de modo acelerado, na Faculdade de Economia da UEM;
- b. potenciar a ligação da Universidade às empresas, com os estágios nas empresas a ocuparem um lugar central no processo formativo; e
- c. assegurar uma elevada qualidade pedagógica, uma relação interdisciplinar permanente, a ligação dos *curricula* à prática, estimular a aprendizagem científica, mas também de capacidades e atitudes, com vista a uma melhor integração e intervenção na sociedade.

De 1978 a 1982, cerca de 200 estudantes frequentaram o Curso de Gestão para Trabalhadores, tendo concluído o mesmo com sucesso cerca de 100 com o nível básico, 50 com o nível médio e, destes, cerca de 30 ingressaram na UEM, com o primeiro grupo de 10 a terminar a licenciatura em economia, sem reprovações e com óptimo aproveitamento (CARDOSO, 1986; PIEPIORKA, 2019).

A história da FACOTRAV está intrinsecamente relacionada com os primeiros Cursos de Gestão para Trabalhadores, que foram oferecidos pela Faculdade de Economia,

⁴ O Curso de Gestão para Trabalhadores foi criado na UEM por iniciativa do seu reitor Fernando dos Reis Ganhão, em articulação com a ministra da Educação e Cultura Graça Machel e o Comité Central da Frelimo.

cujo modelo, mesmo não tendo sido aplicado da mesma maneira, pois achava excelente, mas muito caro e aplicável apenas para um número reduzido de estudantes, segundo Fernando Ganhão, Reitor da UEM nos anos 80.

A Lei do Sistema Nacional de Educação, aprovada em Março de 1983 institucionaliza as transformações que a UEM vinha sofrendo desde 1976, por forma a responder às demandas impostas pelo País depois da independência nacional.

3.2. Do curso de gestão para trabalhadores à FACOTRAV: uma experiência inovadora e avançada no tempo

Durante a luta armada de libertação nacional, a FRELIMO contou com o apoio de vários países socialistas, partidos políticos e indivíduos progressistas, para o desenvolvimento dos seus programas sociais, nomeadamente nas áreas de saúde e educação. Neste processo, a República Democrática Alemã (RDA)⁵ desempenhou um papel relevante no desenvolvimento do sistema educativo. Em 1975, após a independência de Moçambique, e nos anos subsequentes, com a opção pela via do socialismo, a liderança política decidiu construir um novo sistema educativo, onde contou com a ajuda da RDA, particularmente nas áreas de assessoria, Docência e formação técnico-profissional e bolsas de estudo em várias das suas instituições de ensino⁶.

Neste quadro, não será difícil aceitar que a estreita cooperação entre Moçambique e a RDA tenha influenciado a criação do Curso de Gestão para Trabalhadores, na Faculdade de Economia da UEM e da Faculdade para Antigos Combatentes e Trabalhadores de Vanguarda (FACOTRAV), em Setembro de 1982, ambas na Universidade Eduardo Mondlane.

Contudo, isto não significa, como alguns afirmam, que se tratou de uma simples cópia das Rabfak⁷ (Faculdades para Trabalhadores) implementadas na URSS, a partir de

5 Entre outros países, partidos e indivíduos progressistas que apoiaram a FRELIMO e Moçambique independente, podemos mencionar: vários países do “Bloco do Leste”, como, por exemplo, a URSS e a RDA; a República de Cuba; partidos comunistas; indivíduos progressistas oriundos de várias vertentes. A sua colaboração variou entre oferta de bolsas de estudo para formação em diferentes níveis e áreas de conhecimento nos países doadores; materiais de trabalho, assessoria a vários níveis ao trabalho directo nas áreas de docência e planificação curricular.

6 A cooperação entre a RDA e Moçambique na área da educação, remonta ao período anterior à independência nacional de Moçambique, quando, através do Comité de Solidariedade, a Frelimo recebeu o apoio socialista de professores, processo alargado depois de 1975 (PIEPIORKA, 2020).

7 Designação utilizada após a 2ª Guerra Mundial, na RDA, Polónia, Checoslováquia, Bulgária e, ainda, em países socialista asiáticos em vias de desenvolvimento (Vietname, China e Coreia do Norte). A partir do final da década de 1950, foram, também, implementadas, em países de África e em Cuba, sob a designação Facultades Obreras e Campesinas (FOC), que constituíram uma pedra angular da educação de adultos em Cuba.

1919 e das ABF (Faculdades para Trabalhadores e Camponeses), da RDA, destinadas a trabalhadores e camponeses com baixa formação escolar⁸. Estas instituições tinham como função proporcionar educação geral aos trabalhadores e camponeses, bem como aos seus filhos, e promover o seu posterior ingresso no ensino superior e, ao mesmo tempo, criar uma elite leal ao sistema político vigente, uma elite socialista.

Um exemplo de que o modelo da FACOTRAV não era simplesmente uma cópia das Faculdades para trabalhadores e camponeses acabadas de referir, pode ser ilustrado pelas palavras de Alexandra Piepiorka (2020), no seu trabalho sobre a “Solidariedade Socialista” na educação, tomando Moçambique como estudo de caso, quando afirma que, a contraparte moçambicana, deixou muitas vezes explícito que as decisões finais dos processos sugeridos pelos especialistas alemães ficariam sempre à responsabilidade dos Moçambicanos.

No caso de Moçambique, na sequência da luta de libertação nacional e do processo de descolonização, o desígnio fulcral teria de residir sempre na formação e educação do povo moçambicano, crianças, jovens e adultos, sem esquecer os ex-combatentes.

3.2.1. Curso de gestão para trabalhadores como fonte inspiradora na criação da FACOTRAV

Na base do Curso de Gestão para Trabalhadores, ministrado na Faculdade de Economia da UEM, esteve um exaustivo diagnóstico das necessidades de formação com vista a responder aos desafios e necessidades das empresas moçambicanas.

Só depois de realizado aquele diagnóstico e após consultas a ministérios, empresas de referência e responsáveis sectoriais, se definiu e construiu-se um plano de estudos adequado às necessidades formativas identificadas, em linha com a criação de competências ajustadas à realidade produtiva do País e a uma melhor gestão das empresas moçambicanas. Todos os professores envolvidos no projecto sabiam que uma boa proposta curricular seria decisiva para possibilitar o desenvolvimento das competências necessárias à formação de cidadãos activos e interventivos.

Foi neste quadro, com base nas competências a desenvolver e nos objetivos a alcançar, que foi definida a estrutura curricular, identificada a metodologia a

⁸ Sobre este assunto, veja-se Piepiorka (2020).

implementar e, finalmente, construídos os conteúdos. Importa aqui notar o carácter inovador deste projecto educativo que passou, sobretudo, pela valorização dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores com o propósito de estimular os alunos para a resolução de problemas concretos, sendo que os conteúdos eram um meio e não um fim.

Esta abordagem, que no tempo e no contexto de então se podia considerar de disruptiva, exigiu aos professores um enorme esforço com vista ao alinhamento conceptual e metodológico.

Estávamos apenas no final da década de setenta e a aplicar teorias e métodos de ensino-aprendizagem modernos, em construção, num país que acabava de ganhar a sua independência. Tudo isto ajudou a que o processo de planificação curricular fosse apaixonante, partilhado, rico e tivesse levado a resultados inovadores.

De modo sucinto, o Curso de Gestão para Trabalhadores era um curso desenvolvido em regime intensivo, com uma carga horária de 60 horas semanais, com aulas presenciais (teóricas e práticas), estudo dirigido (individual e em grupo), e estágios em empresas, ministrado ao longo de dois anos e meio e com uma carga horária total de 6.000 horas. Para a frequência do primeiro curso, o processo de selecção de estudantes decorreu em todo o País, sendo que os itens de avaliação pretendiam aferir entre outros aspectos, as capacidades e condições sociais que permitiriam ao candidato uma dedicação a tempo inteiro à sua formação.

A linha curricular de Direção e Organização, que incluía os estágios nas empresas, correspondia a 31% do tempo total, sendo as restantes linhas curriculares: Matemática/Estatística (17%), Ciências Sociais (14%), Língua Portuguesa (13%), Ciências Naturais (11%), Tecnologia Educativa (7%) e Cultura e Desporto (7%).

Note-se que, um aspecto fundamental ao longo de todo o processo de formação, passou pela verificação do grau de satisfação dos alunos com a formação ministrada. Todos os professores elaboravam um plano de aula e, no início de cada aula, os alunos eram informados dos conteúdos a ministrar, da metodologia a seguir e dos objectivos a alcançar. No fim da aula, os alunos procediam à respectiva avaliação, numa escala de 1 a 5 (esta avaliação era anónima, feita através de um papelinho dobrado que era entregue ao professor).

Esta aplicação de instrumentos de avaliação do processo de ensino-aprendizagem permitia, de facto, verificar se a formação atingira os resultados previstos e, ainda, validar e partilhar os resultados com todos os intervenientes, incluindo, a direcção pedagógica do curso, professores e alunos e contribuir para uma melhoria contínua dos resultados, assegurando uma maior transparência e prestação de contas.

Paralelamente, a avaliação dos alunos do Curso de Gestão para Trabalhadores⁹ e, mais tarde, da FACOTRAV, era feita de modo contínuo e sistemático, permitindo ao professor dispor de informação sobre o desenvolvimento da aprendizagem e, deste modo, melhorar os processos e estratégias pedagógicas a seguir.

A avaliação final – sumativa – era feita tendo em conta a participação e trabalho desenvolvido em sala de aula, os resultados dos testes e exames, o trabalho em grupo e a avaliação dos estágios (qualidade e defesa dos relatórios, quer interna, quer nas empresas)

No processo de avaliação, sobretudo através do trabalho em grupo e dos estágios, era possível avaliar, para além das competências técnicas, parâmetros de personalidade tais como: a capacidade de direcção e organização, a iniciativa e criatividade demonstradas, o trabalho em equipa, a qualidade do trabalho desenvolvido e o comportamento social. A avaliação final era discutida e decidida em conselho pedagógico, com a presença de todos os professores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Trabalho em grupo

O trabalho em grupo – instrumento operacional privilegiado, a par dos estágios – para além de permitir o enriquecimento do trabalho individual e do grupo, promovia também a autodisciplina, possibilitando a economia de tempo e o consequente aumento do rendimento e produtividade do trabalho.

Outro aspecto igualmente importante, residia no facto de o trabalho em grupo permitir e potenciar a aceitação do outro e o respeito pela opinião alheia, impedindo casos de isolamento e contribuindo para um ensino mais inclusivo com vista à prossecução dos objectivos traçados.

⁹ Inicialmente concebido como um curso de gestão de empresas para trabalhadores, foi mais tarde considerado como curso para trabalhadores e combatentes de vanguarda (Cardoso, 1986).

De acordo com os objectivos prosseguidos, cada membro do grupo possuía uma tarefa a desempenhar, com vista à realização de um objectivo comum. A partir da diversidade que esse método proporcionava, foi possível aproveitar diferentes talentos e habilidades e, assim, tornar o projeto verdadeiramente impactante.

Para o funcionamento do grupo, o papel desempenhado pelo chefe de grupo era importantíssimo. Era ele que planeava, harmonizava e delegava a execução do trabalho. O seu papel era decisivo na condução, articulação e envolvimento do grupo em tarefas tais como: definir cronogramas, prazos, métodos de trabalho e resultados. Deveria, igualmente, possuir competências na gestão de conflitos.

Embora, normalmente, o chefe fosse o relator do grupo, o seu porta-voz, havia, no entanto, o cuidado de todos os elementos do grupo discutirem e apresentarem os temas específicos que eram por si estudados e trabalhados. Todos participavam na defesa dos trabalhos intercalares e na defesa do Relatório Final de Estágio, assegurando o contributo e o envolvimento de todos os elementos do grupo.

Estágios

Os Estágios assumiam-se como actividades curriculares obrigatórias e desempenhavam um papel crucial por promoverem e assegurarem a ligação efectiva ao mundo empresarial moçambicano. A prática e disciplina adquiridas durante o estágio constituíam para os alunos um significativo valor acrescentado, contribuindo para o seu desenvolvimento e aquisição de competências.

Os estágios decorriam ao longo do ano académico, em grupo, com os alunos a visitarem as empresas ou entidades de acolhimento um dia por semana (às quartas-feiras), devidamente acompanhados por um supervisor da empresa ou entidade de acolhimento e por um orientador de estágio, professor da área de direcção e organização.

Durante o estágio, os membros do grupo realizavam um conjunto de actividades consideradas relevantes para o desenvolvimento do mesmo e que, de igual modo, deveriam constituir um valor acrescentado para a empresas ou entidades de acolhimento. Através dos estágios, era possível avaliar a capacidade de trabalho em grupo, de direcção, de produção de propostas, de resolução de problemas, bem como a qualidade dos relatórios elaborados e a sua defesa pública.

Com efeito, um dos objectivos dos estágios residia no facto de os alunos analisarem os processos organizacionais e as suas fraquezas e/ou deficiências e proporem soluções para as mesmas, o que exigia uma boa integração e uma postura de partilha. No final, o Relatório Final de Estágio era defendido em dois momentos: na empresa e na Faculdade.

De referir, ainda, que o funcionamento dos estágios assentava numa estreita interacção entre o coordenador geral dos estágios, as empresas de acolhimento e o orientador do estágio.

- a. O coordenador geral dos estágios, que era o Director da linha curricular de direcção e organização, ao qual competia assegurar os contactos com as empresas de acolhimento e acompanhar os estágios até à sua conclusão e defesa do Relatório Final;
- b. As empresas de acolhimento que, de acordo com o plano de estágio, disponibilizavam os meios necessários ao bom funcionamento e desempenho das tarefas e designavam um supervisor¹⁰ da própria empresa com o objectivo de apoiar os estudantes na execução das tarefas planeadas; e
- c. O orientador de estágio era um professor da linha curricular de direcção e organização, que tinha como tarefa acompanhar todas as fases do estágio; realizar reuniões de orientação e participar no júri de avaliação final do Relatório de Estágio.

De realçar, mais uma vez, a intenção permanente de tudo ser feito para que a presença dos nossos estudantes nas empresas resultasse em valor acrescentado para as mesmas.

3.2.2. O papel do corpo docente

Através de métodos e técnicas de ensino inovadores, o corpo docente tinha como objectivo o desenvolvimento de competências, com vista a formar cidadãos capazes de actuar de forma interventiva, criativa e crítica na vida económica, social e política de Moçambique.

¹⁰ Por vezes, as empresas tinham dificuldade em designar um supervisor, sendo esse papel, na maioria das vezes, desempenhado pelo Director-Geral ou chefes de departamento das mesmas.

O corpo docente, constituído por professores de várias origens e nacionalidades¹¹ era, na sua maioria, composto por jovens professores (na casa dos trinta anos de idade), mas com boa preparação científica e pedagógica e completamente comprometidos com o grande desígnio nacional da educação para o desenvolvimento. De entre esses professores, é justo realçar o papel destacado de dois deles, justamente os mais velhos e experientes, a saber: Jorge Arancibia e Helmut Dora.

Jorge Arancibia, chileno, era indiscutivelmente um humanista, um grande pedagogo e um profundo estudioso e conhecedor de todas as grandes tendências das ciências da educação que emergiram nos anos setenta do século passado. O seu pensamento reflectia as teorias, conceitos e métodos pedagógicos presentes nas diversas escolas em voga à época, aproveitando o melhor de todas elas. Daí que as ideias fervilhassem e que as longas reuniões, quase diárias, constituíssem verdadeiros *brainstormings*, com discussões acaloradas, de múltiplas ideias, sugestões e propostas de actuação, mas, no final, com impacto muito positivo na qualidade e desempenho do corpo docente e, conseqüentemente, no processo de ensino-aprendizagem.

Arancibia, com experiência na formação de adultos na América Latina, estava obviamente influenciado pelo Relatório Edgar Faure¹², publicado em 1972, sob os auspícios da UNESCO, cujo tema dominante era *aprender a ser*. A Comissão da UNESCO, para além do aprender a ser, defendia dois outros sustentáculos da educação, a saber: *aprender a conhecer e aprender a fazer*. Por outro lado, conhecia, defendia e aplicava o conceito de *competências*, conceito desenvolvido por David McClelland que publicou, em 1973, um artigo¹³ onde se interrogava sobre o rigor dos testes de personalidade utilizados no recrutamento e selecção de pessoas. Diversos autores consideram as *competências* como sendo um conjunto de saberes: saber-ser (competências sociais e comportamentais), saber-fazer (competências praticas) e saber-saber (competências teóricas).

¹¹ Fernando Jorge Cardoso (Director da Faculdade de Economia), Jorge Arancibia (Director Pedagógico), Helmut Dora (Responsável pelos estágios nas empresas), Madalena Baeta (Ciências Naturais), Conceição Osório (Ciências Sociais/História), Fernanda Amaral (Matemática/Estatística), Maria Emília Morais e Conceição Marques (Língua Portuguesa), Gulbano Dias (Geografia) e Jorge Salvador e Jaime Lourenço (Gestão/Estágios em empresas), constam entre os docentes que deram vida a este curso.

¹² FAURE, Edgar e outros, *Apprendre à être*. Relatório da Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento da Educação UNESCO. Paris, Fayard, 1972.

¹³ *Testing for Competence Rather than for Intelligence*, *American Psychologist*, 1973.

Mais tarde, em 1996, será publicado um documento extraordinário - Relatório Jacques Dellors¹⁴ - onde é acrescentado um outro sustentáculo da educação: aprender a viver juntos, ou seja, capacidade de participar e cooperar com os outros em todas as actividades humanas.

Arancíbia era um crítico da escola tradicional, com forte ênfase nos conteúdos e um apoiante da escola construtivista¹⁵, para a qual a educação não deve se resumir à simples transmissão de conhecimento, mas sim, permitir ao aluno, criar e aplicar o conhecimento; da escola freiriana¹⁶, que propõe o desenvolvimento do aluno através de práticas em sala de aula, onde professor e aluno aprendem em conjunto, de modo a ajudar o estudante a ser um sujeito activo na transformação do mundo e, ainda, da escola de Waldorf¹⁷, que visa, para além do desenvolvimento intelectual do aluno, o desenvolvimento corporal, anímico e espiritual.

Arancíbia era um sonhador, obstinado, controverso e provocador que, por tudo isso, teve um papel decisivo no sucesso do Curso de Gestão para Trabalhadores e na posterior criação da FACOTRAV. Helmut Dora era um professor cooperante, oriundo da então RDA, antigo oficial da marinha mercante e doutorado em economia dos transportes e que, ao contrário de Arancíbia, era extremamente racional, pontual, disciplinado e focado nos métodos, nas tarefas e nos resultados (impreterivelmente nos prazos programados).

Para atingir os resultados propostos, privilegiava métodos e técnicas pedagógicas centradas no *trabalho em grupo* e nos *estágios nas empresas*. No curso de Gestão para Trabalhadores, que ajudou a criar e a implementar, era o responsável pela linha curricular dos estágios nas empresas. Para Helmut Dora e, obviamente, para todos os docentes deste curso, o trabalho em grupo permitia a socialização, promovia a autodisciplina e o enriquecimento do trabalho individual e colectivo, contribuindo para impedir casos de isolamento e de marginalização. Já os estágios nas empresas permitiam a ligação da teoria à prática e um elevado valor acrescentado a nível do desenvolvimento pessoal e colectivo. Naturalmente, estava muito ligado ao modelo das ABF - Faculdades para Trabalhadores

¹⁴ DELLORS, Jacques e outros, EDUCAÇÃO UM TESOURO A DESCOBRIR. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. UNESCO 1996.

¹⁵ Com Lev Vygotsky e Jean Piaget como principais expoentes.

¹⁶ Baseada na teoria de Paulo Freire.

¹⁷ Tendo como referência os estudos de Rudolf Steiner.

e Camponeses implementadas na RDA e com *curricula* com uma forte componente de marxismo-leninismo. Todavia, aceitou o plano de estudos construído com a participação de professores com diferentes origens, formações e pontos de vista e, nas discussões em que se envolvia, colocava sempre a tónica na criação de uma elite socialista, de homens e mulheres comprometidos com o progresso da sociedade e do jovem País. Nessas discussões, aceitava o contraditório e as decisões do corpo docente como um todo, aceitava o centralismo democrático.

Do ponto de vista científico e ético, era um professor muito respeitado por todos os seus alunos e colegas. Contrastava com Jorge Arancibia, daí que discutissem amiúde. Mas se completavam e foram ambos essenciais para a concepção e implementação, com sucesso, do Curso de Gestão para Trabalhadores e da FACOTRAV e para a constante melhoria científica e pedagógica dos restantes professores.

De facto, aquele corpo docente – inicialmente do Curso de Gestão para Trabalhadores e, mais tarde, da FACOTRAV – e a sua acção carregada de modernidade, mesmo que olhados de soslaio por alguns sectores da Universidade, era constituído por professores preparados – também eles de vanguarda – que ousaram sonhar e lutar por uma educação de qualidade ao serviço do povo moçambicano. Nas palavras de um membro do corpo docente, podemos ler as identidades que o trabalho de construção de uma nova forma de ver a educação despoletou:

Sem querer ser chauvinista – mas com uma pontinha de orgulho – atrevo-me a afirmar que, no âmbito do nosso projecto inovador, todos tínhamos já a preocupação de aprender a viver juntos (Membro do Corpo Docente, FACOTRAV, 2021).

Os dados recolhidos por Alexandra Piepiorka (2019), incluindo depoimentos do director da faculdade e docentes do curso de gestão para trabalhadores, são demonstrativos do sucesso desta experiência. Dos estudantes que fizeram os seus estudos dentro do curso, alguns prosseguiram estudos superiores, sendo que dos que não alcançaram qualificações para ingressarem no ensino terciário formal, há notícias que ao regressarem aos seus locais de trabalho, não só tinham, um nível educacional mais elevado, como ainda exerceram uma forte influência para a melhoria do desempenho do seu local de trabalho, cumprindo assim, o objectivo da sua criação, ou seja, a melhoria da qualidade dos quadros colocados no sector produtivo nacional (PIEPIORKA, 2019).

Baseada nas experiências positivas do Curso de Gestão para Trabalhadores, a UEM submeteu ao Ministério da Educação e Cultura, que tutelava o ensino superior e ao Comité Central do Partido um modelo de ensino para cursos de trabalhadores planeado para ter o seu início em 1982, embora a FACOTRAV só tivesse aberto as suas portas em Março de 1983 (PIEPIORKA, 2019).

4. Impacto das transformações políticas e sociais sobre o projecto FACOTRAV

Nós não saímos [da FACOTRAV] na mesma e muito obrigada meus docentes (CATARINA NUMAIO, Inhambane, depoimento, 22 de Julho de 2021).

Desenhada a partir das discussões assumidas por várias comissões de planificação e engendrada a partir da experiência do Curso de Gestão para Trabalhadores, a FACOTRAV acabou por abrir as suas portas, como uma nova faculdade inserida na estrutura da UEM, em 1983. Uma vez que se tratava de um modelo de ensino-aprendizagem ainda novo, os primeiros anos da sua existência foram marcados por imensas discussões e ajustes.

4.1. Os caminhos percorridos

De 1983 até 1992, decorreram seis ciclos de formação na FACOTRAV (Tabela 1), cujo objectivo era o de melhorar o nível académico dos antigos combatentes e trabalhadores de vanguarda, conferindo-lhes, em três anos, o nível de 11ª classe do antigo sistema de educação, partindo da 6ª classe do mesmo sistema de educação e a possibilidade de acesso ao ensino superior.

TABELA 1 - Número de ciclos de formação, distribuição por género e totais

Cursos/ duração	Homens	Mulheres	Total Parcial
1º Curso (1983-1985)	83	07	90
2º Curso (1984-1986)	57	01	58
3º Curso (1985-1987)	76	06	82
4º Curso (1986-1988)	66	17	83
5º Curso (1987-1989)	33	05	38
6º Curso (1988-1992)	27	06	33
Total Geral	342	42	384

Fonte: Registo Académico da UEM

O ciclo de formação compreendia um primeiro nível, de quatro semestres, que conferia o nível da nona classe do ensino geral e habilitava o estudante a prosseguir para o segundo nível, de dois semestres, que, por sua vez, o habilitava a obter equivalência de

11ª classe do ensino geral e, conseqüentemente, ao ingresso no ensino superior ou, ainda, a regressar à sua proveniência. Para o efeito, os alunos tinham um leque de disciplinas, sendo algumas de âmbito geral e outras de âmbito social, cultural, administrativo e político, a saber: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Física, Química, Biologia, Ciências Sociais/Filosofia, Educação Política, Ciências Naturais, Direcção e Organização e Sociocultural.

Melhor que as nossas palavras, as vozes de ex-estudantes testemunham o processo de ensino e aprendizagem que decorreu na FACOTRAV:

[...] diria que o processo de ensino e aprendizagem foi muito interactivo, muito comunicativo, muito aberto, apesar de ser um ensino muito acelerado, intenso que não tínhamos tempo ... nós saímos lá com uma responsabilidade de trabalho colectivo, a partir dos grupos de estudo; a partir da educação dos nossos professores nós aprendemos as relações boas que eles tinham.

[...] nós encontramos um corpo docente que conseguiu juntar todas as experiências ... penso eu, no sentido de elaborar um plano que pudesse permitir que esses desníveis que pudéssemos nós trazer de cá fora, quando chegássemos lá sermos encaminhados de uma forma que ninguém ficasse para atrás. Então, isso era possível, através de uma planificação muito rigorosa e que nós sentimos isso, que os nossos docentes nunca traziam conteúdos fora daquilo que nós esperamos numa disciplina! Nós nunca tivemos nenhuma dificuldade.

[...] a questão da qualidade dos docentes, eu prefiro não comentar, porque aqueles docentes, para mim, foram heróis, são heróis incansáveis, porque você via mesmo que eles estão aqui para responder a uma política, a uma necessidade. Aquilo não era dar aulas como profissão só, aquilo era uma jornada, era uma jornada para se atingir um objectivo e aí era para transformar a pessoa que é para a pessoa quando chegar na empresa dizer que sim! eu estava na FACOTRAV! E eu aprendi, mudei, sou outra. Então isso aí era o timbre daquilo que eram os nossos docentes e eu penso que nós encontramos uma qualidade boa dos docentes. Nunca vimos nenhum docente cansado, faltoso, impaciente não, não estou a dar aval a todos, mas só que... prontos! Era outro momento, eram desafios, foi muito bom.

[...] E as relações eram muito boas porque havia muita comunicação; ali você podia ir acanhada, mas tinha que aprender a falar, era obrigatório levantar e falar tanto na sala, nas reuniões, nos grupos ... e os professores estavam lá e sempre lá connosco e aqueles professores conheciam cada aluno com as suas limitações (CATARINA NUMAIO, Inhambane, depoimento, 22 de Julho de 2021).

Um outro depoente acrescentou:

Os nossos professores eram bons, pacientes e camaradas no verdadeiro sentido da palavra. Na FACOTRAV havia respeito e disciplina. ... A relação entre discentes e direcção da FACOTRAV era excelente. Sempre que precisássemos eles, estavam disponíveis (CECÍLIA ABREU, Marracuene, depoimento, 20 de Julho de 2021).

A estas disciplinas juntava-se um sistema paralelo e complementar de Avaliação da Personalidade, baseado em parâmetros considerados fundamentais no sistema interno de formação, como: capacidade de direcção, iniciativa e criatividade, trabalho colectivo, qualidade de trabalho e comportamento social. Trata-se de indicadores que resultaram das experiências aprendidas do curso de gestão para trabalhadores, antecessor da FACOTRAV e que resultaram de posteriores discussões entre a direcção pedagógica do curso e seus docentes, relativamente ao perfil de saída dos estudantes desta Faculdade.

Este modelo de organização pode ser ilustrado pela ficha de aproveitamento de um estudante, inscrita na Tabela 2.

TABELA 2 - Ficha de aproveitamento de um estudante

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade para Antigos Combatentes e Trabalhadores de Vanguarda

Nome XXXXX

Filho de XXXXX e de XXXXXX

Nacionalidade: XXXXXX

Ano de Matrícula: 1983

Fim do Curso: 1985

Disciplinas	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre
Português	11	9	12	7	10	10
Matemática	13	11	10	10	11	11
História	-	9	13	12	11	12
Geografia	-	11	13	13	12	13
Física	-	12	11	10	11	11
Química	-	17	13	10	13	14
Biologia	-	11	14	12	8	10

FACULDADE PARA ANTIGOS COMBATENTES E TRABALHADORES DE VANGUARDA:
licções aprendidas de um projecto educativo e inovador

Disciplinas	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre
Ciências Sociais/ Filosofia	11	-	-	-	11	11
Educação Política	-	13	12	9	-	-
Ciências Naturais	11	-	-	-	-	-
Direcção e Organização	8	15	12	14	-	-
Sócio-Cultural	-	16	16	15	-	-
Capacidade de Direcção	S	16	16	S	3*	3*
Iniciativa e Criatividade	S	16	12	S	3*	3*
Trabalho em Colectivo	D	16	12	S	3*	4*
Qualidade de Trabalho	D	12	12	S	3*	3*
Comportamento Social	D	16	12	S	3*	4*

Observações

Escala de Avaliação 0-20 valores

*1-5 valores

Obteve o nível da 11ª classe com a média final de 11 valores

Fonte: Registo Académico da UEM

Como forma de dar uma formação mais completa realizavam-se actividades extracurriculares de carácter obrigatório, como eram os casos do cinema seguido de debates, dança, teatro, poesia e desportos, desde os lúdicos aos de competição interna. Todo este manancial de actividades e eventos contribuiu para elevar o nível de conhecimentos dos estudantes e dar-lhes uma componente de cultura geral e de comportamento social bastante sólida, considerado por alguns especialistas como um sistema pedagógico único, como é ilustrado pelas vozes de ex-estudantes:

[...] sobre o processo de ensino e aprendizagem e as actividades extra-curriculares olha, esta é uma prática que eu não sei como é que é feita agora na verdade para produzir efeitos muito ricos como aquelas que nós adquirimos na FACOTRAV. Porque nós, em todas as disciplinas, tínhamos aulas teóricas e aulas práticas que eram as tais actividades extracurriculares, quando éramos orientados para ir assistir um filme X ou ir visitar um lugar X. Eu penso que os docentes já tinham o resumo ... em cada disciplina os docentes já tinham o resumo daquilo que nós havemos de

ir ver e esperar as nossas análises. Então, quem entende da matemática, quem entende de português, quem entende da história, quem entende de tudo ou da geografia, quando fosse assistir um filme tinha que encontrar tudo. Às vezes nós só pensávamos que ... eh pá! tenho que voltar a elaborar uma boa redacção para explicar e não sei o quê. Uma boa vírgula, uma boa pontuação [...] a pensar que, talvez, estamos para ter uma avaliação só na disciplina de português, mas a coisa não terminava ali, a coisa terminava no raciocínio de cada um, como é que equacionou a solução de um problema que viu no filme, como é que equacionou a ideia ou a discussão, como é que concluiu. Então, isso tudo não basta só ser uma questão de português, tinha que ser uma questão de português, tinha que ser uma questão de história, tinha que ser uma questão de geografia ... ver em que país, ver onde é que fica esse país e não sei quê, essas coisas, qual é a história desse país, o que é que aconteceu, em que momento (CATARINA NUMAIO, Inhambane, depoimento, 22 de Julho de 2021).

Outro testemunho acrescentou:

Das visitas de estudo, a que mais me marcou foi a visita da Poeta Noémia de Sousa à FACOTRAV, onde tive a possibilidade de ouvi-la numa palestra, numa óptima conjugação do que aprendíamos nas aulas teóricas (FLÁVIA GEMO, depoimento, Maputo, 28 de Julho de 2021).

O curso de desenvolvimento do País ditou as transformações que a FACOTRAV foi sofrendo. É assim que, a partir do quarto ciclo de formação, se registaram algumas alterações na organização do ensino, facto que foi comprovado através das entrevistas realizadas a alguns ex-estudantes, como também se pode verificar na ficha de avaliação de um estudante inscrita na Tabela 3.

TABELA 3 - Ficha de avaliação de um estudante

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
Faculdade para Antigos Combatentes e Trabalhadores de Vanguarda
Nome XXXXXX
Filho de XXXXX e de XXXX
Nacionalidade: Moçambicana
Ano de Matricula: 1989
Fim do Curso: 1992

FACULDADE PARA ANTIGOS COMBATENTES E TRABALHADORES DE VANGUARDA:
licções aprendidas de um projecto educativo e inovador

Disciplinas	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre
Português	11	12	12	12	13	14
Matemática	11	12	12	14	16	15
História	13	13	8	11	-	-
Geografia	11	16	10	20	-	-
Física	14	12	10	19	18	14
Química	14	14	11	15	14	14
Biologia	12	10	8	20	-	-
Filosofia	-	-	-	-	-	-
Desenho	-	-	-	-	14	16
Observações Escala de Avaliação 0-20 Valores	Aprovado	Aprovado	Aprovado	Aprovado Obteve Equiva- lência a 9ª Classe	Aprovado	Aprovado Obteve Equiva- lência a 11ª Classe

Obteve o nível da 11ª classe com a média final de 14 valores

Fonte: Registo Académico da UEM

Com a mudança que se veio a operar no sistema curricular, não se perdeu, entretanto, a qualidade do ensino ministrado, como fica evidente na fala que se segue:

No meu tempo, não tínhamos filmes nem visitas guiadas (...). Foi a melhor escola da vida que tive. Lamento do fundo do coração que, com tanta gente precisando de estudar, a FACOTRAV tenha desaparecido (CECÍLIA ABREU, Marracuene, depoimento, 20 de Julho de 2021).

A leitura da Tabela 3 permitiu-nos verificar a alteração dos indicadores de avaliação, particularmente dos que marcaram itens de avaliação da personalidade e de capacidades não académicas, desenhadas a partir da experiência do curso de gestão de empresas para trabalhadores e impulsionadas pelas escolhas de pedagogia introduzidas por Jorge Arancibia e inspiradas em alguns modelos das escolas socialistas para trabalhadores.

Os motivos desta mudança foram principalmente de índole política, pois tanto os antigos combatentes como os trabalhadores de vanguarda, se questionavam constantemente se os professores da FACOTRAV eram competentes para reavaliar a personalidade dos referidos alunos, visto que entidades que, a seu ver, hierarquicamente superiores, já os tinham avaliado. Referiam-se aqui ao Comité Central da FRELIMO (para o caso dos antigos combatentes) ou nos Conselhos de Produção das empresas (para o

caso dos trabalhadores de vanguarda). Vivia-se então uma grande polémica que opunha a visão fundamentada numa análise política e a visão fundamentada numa análise pedagógica (académica), bem como o questionamento das razões da existência da avaliação do comportamento apenas na FACOTRAV, diferentemente de outras unidades de ensino da UEM, que culminou com a retirada da Avaliação da Personalidade, tendo em certa medida contribuído para a descaracterização da FACOTRAV.

4.1.1. Aproveitamento escolar

Os dados estatísticos sobre aproveitamento escolar a que tivemos acesso, mostram-se variáveis, de acordo com os diferentes períodos da evolução da Faculdade, o que não pode ser dissociado dos diferentes contextos políticos e sociais da história do País.

Assim, a Tabela 1 permitiu-nos avaliar a evolução do número de estudantes nos diferentes ciclos; ela mostra-nos, ainda, que os primeiros quatro cursos tiveram um número médio de 79 novos alunos, que corresponde ao período em que a FACOTRAV se instalou e desenvolveu a sua estrutura pedagógica de uma forma muito sólida, profundamente relacionada com a experiência do Curso de Gestão para Trabalhadores, que decorreu na Faculdade de Economia de 1979 até 1982. No entanto, os dados inscritos na mesma tabela também são demonstrativos de uma percentagem de mulheres extremamente baixa na frequência dos cursos da FACOTRAV ao longo dos diferentes ciclos, reflectindo a situação geral do País no que respeita à equidade do género em todos os sectores de actividade, apesar do esforço do Governo para uma alteração da situação.

No contexto do quadro geral que se vivia no País, e como reflexo das restrições ligadas ao acesso à educação que marcaram os anos de dominação colonial, o testemunho de ex-estudantes da FACOTRAV ilustra, como nesta década, o número de mulheres com acesso à educação era, ainda, insatisfatório, o que se reflectia entre o número de estudantes desta faculdade:

Chegada à FACOTRAV, encontrei colegas provenientes de vários sectores de actividade ... educação, agricultura etc., e com várias responsabilidades ... directores nacionais, provinciais, antigos combatentes, entre outros. Mulheres, éramos poucas, não sei quantas, mas éramos poucas. Imagino que seja proveniente da OMM, organização de mulheres, só me lembro de mim (FLÁVIA GEMO, Maputo, depoimento, 28 de Julho de 2021).

Num outro depoimento, pode ler-se:

Não éramos muitas mulheres. Os homens superavam-nos em número (CECÍLIA ABREU, Marracuene, depoimento, 20 de Julho de 2021).

Num balanço final sobre os resultados da avaliação de estudantes, os dados disponibilizados pelo registo académico da UEM mostram-nos que, dos 384 alunos dos seis ciclos da FACOTRAV, 175 concluíram a 11ª Classe e prosseguiram os estudos em cursos superiores, 27 concluíram a 9ª classe e regressaram às respectivas empresas ou actividade de proveniência.

O grau de desperdício, por motivos de desistência, incapacidade física e mental ou mesmo por conveniência de serviço, é demonstrativo do grau de dificuldades que os estudantes tinham para atingir a meta estipulada partindo do grau de escolaridade de 6ª classe.

Os últimos dois ciclos com uma média de 36 novos ingressos (Tabela 1) demonstram, por si só, que a FACOTRAV estava a caminhar para o seu final, com uma boa parte de estudantes que reprovaram nos ciclos anteriores. Nestes dois últimos ciclos, para além do número de antigos combatentes ser insignificante, já se notava, também, a presença de alguns alunos com o nível de nona classe do antigo sistema de educação, que ingressavam directamente para o último ano da FACOTRAV, uma vez que escasseavam já candidatos para preencher as vagas disponíveis, com as características que ditaram a fundação de uma faculdade para trabalhadores de vanguarda e antigos combatentes. A FACOTRAV estava agora quase reduzida à tarefa de conferir diplomas ou certificados de nível médio ou secundário. Numa altura em que o subsistema de educação de adultos oferecia a qualquer trabalhador a possibilidade de prosseguir os seus estudos, questionava-se, dentro da UEM, sobre a viabilidade desta Faculdade.

A FACOTRAV tinha já cumprido o seu papel histórico e a grande maioria dos quadros formados na nesta faculdade haviam sido colocados em sectores-chave das empresas intervencionadas pelo Estado ou nacionalizadas e em órgãos de gestão do sector público, tanto ao nível Central como ao nível Provincial, dando resposta aos objectivos da sua criação.

5. Conclusões: o final de uma experiência inovadora

Como foi referido atrás, a FACOTRAV foi criada em Setembro de 1982, na sequência das orientações económicas e sociais emanadas do III Congresso da FRELIMO e no seu curto

mas intenso percurso, contribuiu para uma abordagem inovadora do processo de ensino-aprendizagem, cujos resultados contribuíram, indiscutivelmente, para um ensino de qualidade e mais inclusivo.

Durante a década de 80 e início da década de 90, tiveram lugar o IV, V e VI Congressos da FRELIMO, respectivamente, em 1983, 1989 e 1991, que culminaram com uma mudança de paradigma político - a viragem do socialismo, de uma economia planificada, rumo à economia de mercado.

De facto, decorriam grandes transformações a nível nacional, regional e mundial, nomeadamente a nível do bloco socialista, que levaram a FRELIMO a rever as suas políticas públicas e a trilhar novos caminhos do ponto de vista social, económico e político.

Por outro lado, na FACOTRAV, os actores foram mudando, alguns dos professores que tinham estado na sua génese foram chamados a outras tarefas e colocados noutras faculdades e a própria direcção mudou mais que uma vez.

Paralelamente, o curriculum também sofreu enormes transformações: perdeu-se completamente de vista a avaliação dos parâmetros de personalidade, eliminou-se a linha curricular de Direcção e Organização e, conseqüentemente, os estágios, bem como a linha sociocultural e foi introduzida a disciplina de Desenho. A FACOTRAV conferia apenas a 11ª classe.

Finalmente, a FACOTRAV deixou de receber antigos combatentes:

Um artigo da Revista Tempo¹⁸, de 20 de Agosto de 1989, noticiava que a FACOTRAV, nos seus seis anos de funcionamento, graduara 111 estudantes com a 11ª classe e que, dos 40 graduados do III Curso, concluído em 21 de Junho de 1989, nenhum era antigo combatente.

Estava esgotado o modelo!

Terminava, assim, um ciclo que, tal como todos os ciclos, foi também datado e enquadrado por um período histórico em grande transformação social, económica e política e onde, por isso, o papel da educação assumiu - e assumirá sempre - uma centralidade e relevância maiores.

¹⁸ FACOTRAV Antigo Combatente está ausente! Texto de Arnaldo Henrique e fotos de Naita Ussene.

Referências

COELHO, B.; PAULO, J. Política e História Contemporânea em Moçambique: dez notas epistemológicas. **Revista de História (S.Paulo)**. n. 178, a07318, 2019 <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2019.146896>

CARDOSO, F. J. The relationship University-Enterprises in worker's education. Aspects of the management training courses in Maputo Faculty of Economics from 1979 to 1983". In: **Proceedings of the Sixth Annual Conference of IACHEI - International Association of Consultants in Higher Education Institutions, Lisbon**: National Innovation Policies: the role of Higher Education Institutions, p. 23-25 July, 1986.

FRANCISCO, A. Reestruturação Económica e Desenvolvimento. In: SANTOS, B. S. S.; TRINDADE, J.C. **Conflito e Transformação Social**: uma paisagem das Justiças em Moçambique. Porto: Afrontamento, 2003. P. 141-178.

FRY, P.; UTUI, R. **Promoting Access, quality and Capacity-building in African Higher Education**: The Strategic Planning Experience at the Eduardo Mondlane University: A Report of the ADEA Working Group on Higher Education. Whashington DC; ADEA, July 1999.

PIEPIORKA, A. The Faculty for Former Combatants and Vanguard Workers in Mozambique. **Globalization of an Educational Idea**. Berlin: De Gruyter Oldenbourg, 2019, p. 261-310. <https://doi.org/10.1515/9783110601879-011>.

PIEPIORKA, A. Exploring 'Socialist Solidarity' in Higher Education: East German Advisors in Post-Independence Mozambique (1975-1992). In: MATASCI, D.; JERÓNIMO, M. B.; DORES, H. **Education and Development in Colonial and Postcolonial Africa: Policies, Paradigms, and Entanglements, 1980s-1980s.**, Cham: Palgrave Macmillan, 2020. P. 289-318.

MACHEL, S. **Façamos de 1980-1990 a década da vitória sobre o subdesenvolvimento**. Maputo: FRELIMO, 1979.

TRINDADE, J. C. Rupturas e continuidades nos processos políticos e jurídicos. In: SANTOS, B. S. S.; TRINDADE, J. C. **Conflito e Transformação Social**: uma paisagem das Justiças em Moçambique. Porto: Afrontamento, 2003. P .97-127.

Agradecimentos

O texto deste capítulo nasceu do cruzamento de várias lembranças. Os nossos agradecimentos vão para todas/os que, generosamente, se ofereceram para relembrar o que a FACOTRAV representou para cada um(a), enquanto protagonistas desta experiência de educação, entre professores e estudantes. Agradecemos, em particular, ao Fernando Jorge Cardoso, Maria Emília Morais, Conceição Marques, Conceição Osório, Madalena Baeta, Helmut Dora, Cecília Abreu, Flávia Gemo e Catarina Numaio que, de uma ou outra forma, contribuíram para que um conjunto de episódios, somados às fontes a que tivemos acesso, dessem corpo à história desta Faculdade.

Um agradecimento especial é dirigido a Mário Jessen, em memória póstuma, que coordenou este grupo de autores até Maio de 2021, quando a COVID-19 o levou tão prematuramente. A conclusão deste capítulo, ao qual juntamos as suas notas partilhadas com o grupo de trabalho, é uma modesta homenagem à sua vida, dedicada à educação.

Agradecemos, ainda, à Direcção do Registo Académico e ao Arquivo Histórico de Moçambique, na Universidade Eduardo Mondlane – UEM, por nos terem facilitado o acesso a algumas informações relativas à FACOTRAV.